

**22 POR 1:  
O MODERNISMO AVALIADO POR MÁRIO DE ANDRADE**

**22 PAR 1:  
LE MODERNISME ÉVALUÉ PAR MARIO DE ANDRADE**

Simone da Cruz Chaves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma revisão crítica do movimento modernista. Por ocasião dos 90 anos da Semana de Arte Moderna, o artigo visa à reflexão do Movimento, suas conquistas, seus fracassos a partir de seu principal representante, Mário de Andrade, e o artigo que escreveu 20 anos após o movimento, pensando-o criticamente. Interessa também ao artigo o lugar de destaque que o movimento possui: tabu ou totem? Para muitos críticos do Modernismo, há um excesso de euforia tanto nas comemorações, como no processo de canonização do Modernismo brasileiro. Percebe-se um esforço para tentar redefinir a importância desse movimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo. Revisão crítica. Cultura brasileira.

**RESUME:** Cet article propose une analyse critique du mouvement moderniste. A l'occasion du 90e anniversaire de la Semaine d'Art Moderne, l'article reflète le mouvement, ses réalisations, ses échecs à partir de son principal représentant, Mário de Andrade, et l'article qu'il a écrit 20 ans après le mouvement, en le pensant de façon critique. Il est également intéressant pour cet article la place éminente que le mouvement a: un sujet tabou ou totem? Pour beaucoup de critiques du modernisme, il y a un excès d'euphorie dans les célébrations, le même pour le processus de canonisation du modernisme brésilien. On perçoit un effort pour essayer de redéfinir l'importance de ce mouvement.

**MOTS-CLES:** Modernisme. Révision critique. Culture brésilienne.

*“Já um autor escreveu, como conclusão condenatória, que  
“a estética do Modernismo ficou indefinível”... Pois essa a  
melhor razão-de-ser do Modernismo!”  
Mário de Andrade*

De tabu a totem, o Modernismo brasileiro, por ocasião dos 90 anos da Semana de Arte Moderna, tem sido relido, repensado, criticado. Afinal, o que se festeja? Como o Modernismo se tornou este gigante da Literatura, na visão de uns, e um estorvo, um cadáver, segundo seus críticos mais vorazes? O Modernismo foi um processo corajoso de transformação do pensamento estético brasileiro. O movimento, um jogo arriscado e aventureiro, teve conquistas indiscutíveis, mas tem seu lugar de destaque bastante questionado hoje em dia. Ironia histórica, o Modernismo está hoje no altar, no pedestal da Literatura, posição contra a qual lutaram seus principais idealizadores.

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Puc-Rio.

Este artigo tem como objetivo pensar o Movimento Modernista, suas conquistas, seus fracassos, a partir, principalmente, da revisão crítica de um dos seus principais nomes: Mário de Andrade, o folclorista, estudioso, musicista, o professor que contribuiu de forma decisiva com um movimento de problematização do país, que lançou um olhar diferente para a nação, um movimento “criador de um estado de espírito nacional” (ANDRADE, 1942, p. 231).

Vinte anos depois da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade, bem como Oswald de Andrade, fizeram revisões críticas sobre o Movimento. Mário de Andrade, em 1942, numa conferência intitulada Movimento Modernista, analisa sua trajetória e a dos demais modernistas. A partir dela, é possível compreender toda amplitude e alcance do movimento, assim como suas falhas, que não são poucas. A Semana de 22 é um fato onipresente na história da arte, da cultura e da literatura brasileiras. Para muitos críticos do Modernismo, há um excesso de euforia tanto nas comemorações, como no processo de canonização do Modernismo brasileiro. Percebe-se um esforço para tentar redefinir a importância desse movimento.

Que os 90 anos da Semana de Arte Moderna sejam comemorados oficial e oficiosamente de maneira tão ampla, geral e irrestrita poderia levar um estrangeiro desavisado a supor que, no Brasil, a pintura é mais apreciada do que na Itália, a música erudita mais ouvida do que na Alemanha e a poesia mais lida do que na Rússia. Afinal, que eu saiba, nenhum outro país devota tanta atenção a eventos artístico-literários de seu passado, e a unanimidade com que nossa Semana é cultuada pela mídia, pelas autoridades e pelo sistema escolar, só encontra paralelo, por exemplo, na intensidade reverencial com que os franceses celebram sua própria revolução. O fato é que a Semana, ela mesma parte então das comemorações do centenário da independência nacional, acabou se convertendo num importante acontecimento histórico, um momento que determinou como os brasileiros, ou talvez, como certa elite e a intelectualidade, se viam – e o que desejavam ser “quando crescessem” (ASCHER, 2012).

No balanço feito por Mário de Andrade, ainda que sejam feitas duras críticas, o saldo é positivo, como veremos ao longo deste trabalho. Uma certeza: a de que “O Modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência Nacional” (ANDRADE, 1942, p 235). Uma inquietação: como interpretar a afirmação de um crítico, corroborada ironicamente por Mário de Andrade, de que “tudo quanto fez o movimento modernista far-se-ia da mesma forma sem o movimento”? (idem, p. 231). A escolha desta

conferência como balizamento do trabalho se dá pela importância de Mário de Andrade como intelectual brasileiro e da importância fundamental que esse texto tem. O Movimento modernista, publicado por ele sob como um capítulo do livro *Aspectos da literatura brasileira*, pode ser lido a partir de diferentes aspectos, segundo Alfredo Bosi:

Respeitando essas ordens de significados, é possível ler o texto "O Movimento Modernista" como se nele se articulassem três tipos de discurso:

1 - um discurso narrativo, que vai do autobiográfico ao grupal e volta deste para aquele: o que dá à palestra um discreto mas inequívoco tom de confiança oscilante entre o puro intimismo e a memória polêmica de toda uma geração;

2 - um discurso histórico-genético, que entende situar o movimento em uma dimensão temporal precisa (o primeiro pós-guerra) e proceder à sua interpretação no interior da vida brasileira. O seu eixo é também polêmico: a condição paulista da Semana e dos participantes mais ligados a Mário;

3 - um discurso crítico e, nos momentos de mais alta tensão conceitual, um discurso estético. Nele se desenvolvem ou se apontam certos temas que trabalham de longa data a consciência artística de Mário de Andrade: problemas de linguagem, de liberdade da pesquisa formal, de vinculação do escritor com as séries social e política (BOSI, 1992).

Uma primeira constatação é a de que, se por um lado, a Semana de Arte Moderna marca uma data, por outro lado é inegável também que é um acontecimento supervalorizado no imaginário popular. Mário de Andrade chega a afirmar que “Com ou sem ela, minha vida intelectual seria o que tem sido” (ANDRADE, 1942, p. 232). A Semana de Arte Moderna não é o início do Modernismo, como muitos pregam, mas um momento-chave que fora fermentado por seis anos. Há todo este período de maturação de uma arte nova, de um estado de espírito novo, período que vai da exposição de Anita Malfatti em 1917 até a Semana de Arte Moderna em 1922 e que Mário de Andrade considera fundamental para todo movimento modernista, período de “estado de poesia”, como ele próprio definiu, “período heroico” que precedeu ao “período destruidor”, iniciado pela Semana. Percebemos, ao longo do texto de Mário de Andrade, que ele ressalta mais o processo do que o evento em si.

Fazem<sup>2</sup> vinte anos que realizou-se no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna. É todo um passado agradável, que não ficou nada feio, mas que me assombra um pouco também. Como tive a coragem para participar daquela batalha! É certo que com minhas experiências artísticas muito que venho escandalizando a intelectualidade do meu país, porém, expostas em livros e artigos, como se essas experiências não se realizam in anima nobile. Não estou de corpo presente, e isso abranda o choque da estupidez. Mas como tive coragem pra dizer versos diante duma vaia tão barulhenta que eu não escutava no palco o que Paulo Prado me gritava da primeira fila das poltronas?... Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do Teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?... (ANDRADE, 1942, p.231-232).

Esta afirmação, feita 20 anos depois da Semana, contrapõe-se à afirmação de Mário de Andrade feita um ano após a Semana, em abril de 1923, na crônica de arte Os jacarés inofensivos, publicada na *Revista do Brasil*. Mário de Andrade refere-se à luta acesa entre “arte moderna e a tradicional”, evocando, de passagem, a “deliciosa e mais que interessante Semana de Arte Moderna”. No ano seguinte, em abril de 1924, na sétima das Crônicas de Malazarte, publicada na revista carioca *América Brasileira*, Mário de Andrade já faz uma primeira reflexão crítica do movimento, com ênfase no “inesquecível” espetáculo, mas já apresenta uma postura mais severa: “Oh! Semana sem juízo. Desorganizada, prematura. Irritante. Ninguém se entendia. Cada qual pregava uma coisa... Os discursos não esclareciam coisa nenhuma... Noções vagas; entusiasmo sincero; ilusão engraçada, ingênua, moça, mas duma ridículo formidável... A Semana de Arte Moderna não representa nenhum triunfo, como também não quer dizer nenhuma derrota. Foi uma demonstração que não foi. Realizou-se. Cada um seguiu para seu lado, depois. Precipitada. Divertida. Inútil.” (ANDRADE, 1924)<sup>3</sup>.

Em sua avaliação crítica de 1942, Mário de Andrade afirma não ser capaz de determinar de quem foi a ideia de realizar a Semana, mas afirma que Paulo Prado foi

---

<sup>2</sup> Interessante destacar a observação feita por Alfredo Bosi, em seu texto O Modernismo de Mário de Andrade: “E não há um quê de petulantemente pessoal, até nas rupturas gramaticais, neste passo evocativo?”

<sup>3</sup> In: Moraes, Marco Antônio de. Dossiê Modernismo - Semana sem juízo. Artigo publicado na *Revista de História*, em 01/02/2012, disponível no site: [www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br). O professor ainda complementa em seu artigo: “A edição do conjunto das dez *Crônicas de Malazarte*, em preparo por Telê Ancona Lopez, fornece o grau de consciência daquele que, desejando incitar o debate cultural, faz o prognóstico, em bases polêmicas: “A fantasia dos acasos fez [da Semana] uma data que, creio, não poderá mais ser esquecida na história das artes nacionais. A culpa é do idealismo brasileiro, que mais uma vez manifestou a sua falta de espírito prático. Maior defeito da alma nacional”. Veremos, ao longo deste trabalho, que esta postura de Mário de Andrade se mantém bastante crítica no artigo de 1942.

fator decisivo, como um dos principais expoentes da aristocracia intelectual tradicional, pois pôde propiciar a realização do evento, arrecadando dinheiro junto a seus pares. Foi, portanto, um movimento patrocinado e aplaudido pela aristocracia decadente e vaiado pela burguesia que protestava, pois não podia “encampar um movimento que lhe destruíra o espírito conservador e conformista” (ANDRADE, 1942, p. 237).

Mário também reflete sobre o porquê de ela ter acontecido em São Paulo e não no Rio de Janeiro, onde manifestações modernistas já pipocavam e foram, curiosamente, ignoradas por muitos estudiosos da Literatura Brasileira que consideram apenas as manifestações paulistas em seus livros. Primeiramente, o fato de ter sido apoiado e financiado pela aristocracia já foi decisivo para que fosse um movimento paulista. Em seguida, Mário lista as diferenças entre as duas cidades do início do século XX e vai mostrando as razões pelas quais o Modernismo só teria tido o fôlego que teve porque ocorreu em São Paulo. “Ora no Rio malicioso, uma exposição como a de Anita Malfatti podia dar reações publicitárias, mas ninguém se deixava levar. Na São Paulo sem malícia, criou uma religião. Com seus Neros também... O artigo “contra” do pintor Monteiro Lobato, embora fosse um chorrilho de tolices, sacudiu uma população, modificou uma vida” (ANDRADE, 1942, p. 236)<sup>4</sup>.

Estes dois pontos - o de ter sido um movimento financiado, patrocinado pelas elites e por ter acontecido em São Paulo - também são alvos de críticos vorazes do Modernismo que afirmam que o processo de canonização do modernismo se deveu em grande parte à USP e a toda intelectualidade fundadora dessa universidade. E também pelo fato de boa parte dos participantes do movimento terem ocupado cargos públicos em pastas importantes, como Educação e Cultura, por diversos anos e em diferentes governos. O questionamento que se faz é: o modernismo teria chegado tão longe caso os modernistas não tivessem chegado ao poder? A supervalorização da Semana, e de todo movimento, foi construída *a posteriori*, é uma construção que serviu a algumas intenções.

Convém lembrar que, mais do que em outros países, o modernismo brasileiro que veio festivamente a público naquela semana paulistana de 1922 surgiu menos como reflexão a respeito da modernização do que como um capítulo intencional dela e, em vez de ser criado por

<sup>4</sup> Mário de Andrade refere-se ao artigo *Paranoia ou Mistificação?*, escrito por Monteiro Lobato, publicado em 20 de dezembro de 1917, em *O Estado de S. Paulo*, em que ataca veementemente a exposição da jovem pintora Anita Malfatti, fazendo com que a exposição se tornasse um grande fracasso.

indivíduos solitários ou grupos radicais e marginais, foi ativamente incentivado e promovido pelas elites econômicas e políticas locais, as mesmas elites, diga-se de passagem, que, na década seguinte, estimulariam a criação da USP, instituição cujo papel na canonização do modernismo foi fundamental (ASCHER, 2012).

Para Mário de Andrade, Oswald é também um fator decisivo do Modernismo Brasileiro, “figura mais característica e dinâmica do movimento” (ANDRADE, 1942, p. 237). *Enfant terrible*, debochado, irreverente, Oswald de Andrade imprimiu uma força ao evento, fazendo dela um movimento ruidoso, escandaloso. Vinte anos depois, Oswald também reavalia seu papel, faz a conferência **O caminho percorrido**, em Belo Horizonte, oferece sua posição crítica ao movimento, mas, diferentemente de Mário, reafirma o Modernismo como potência revolucionária. Samira Mesquita, em seu artigo publicado em *Oswald plural*, traça bem um perfil do autor quando o compara a estilizador e a articulador: “O jogo dessas duas vocações – a de estilizador e a de articulador – responsável pela tensão entre uma força centrífuga – desestruturadora de repousantes núcleos simbólicos da tradição brasileira – e uma força centrípeta que, semioticamente, se empenha em estruturar novas formas de discurso que, desfigurando, figurassem e transfigurassem a representação do texto sócio-cultural de seu tempo (2000, p. 147).

As duas conferências são materiais valiosos para analisar como os dois maiores líderes do movimento mantiveram posturas tão diferentes. Pela via emotiva oswaldiana ou pela via analítica de Mário, o movimento desperta paixões. Sobre esses dois grandes intelectuais, que acabaram por seguir caminhos diferentes depois do movimento, Antônio Cândido, um dos principais responsáveis pela legitimização e canonização do Modernismo, sentenciou:

Para quem estiver preocupado com os precursores de um discurso em rompimento com a mimese tradicional, seria Oswald. Para quem está interessado num discurso vinculado a uma visão do mundo no Brasil, seria Mário. Quem construiu mais? Mário. Qual personalidade mais fascinante? Oswald. Qual individualidade intelectual mais poderosa? Mário. Qual o mais agradável como pessoa? Oswald. Qual o mais scholar? Mário. Qual o mais coerente? Mário. Quem explorou mais terrenos? Mário. Quem pensou em profundidade a realidade brasileira? Mário. Oswald era um homem de intuições geniais, mas com escalas de valor muito desiguais. Em resumo, foram dois grandes homens, sendo irrelevante optar entre eles (CÂNDIDO, 1992).

Após o fermentar da semana, período em que eram “realmente puros e livres, desinteressados”, Mário descreve o período iniciado a partir da Semana de 22 como o período destruidor, os 8 anos da “maior orgia intelectual que a história artística do país registra” (ANDRADE, 1942, p. 239). Destaca, então, os encontros, os saraus literários, o movimento dos salões. A aristocracia decadente que os financiou abria as portas de suas mansões para reuniões artísticas. Havia muitas reuniões que Mário vai julgando, em sua análise crítica, como mais ou menos produtivas, mas todas registrando inúmeras trocas, partilhas, muita produção intelectual, bem diferentes da “semântica do maldizer” que, segundo a intriga burguesa, eram encontros, orgias, não apenas intelectuais. O fato é que muitos expoentes dessa primeira fase modernistas perderam seus empregos. Mário, por exemplo, perdeu muitos alunos de música, o que lhe possibilitava passar dias inteiros reunido aos demais a “brincar de arte” (idem, p. 240), como ele definiu. É um momento importante para o movimento, todo mundo se “paubrasilisa”, para também usar uma expressão de Mário. O espírito destruidor do Modernismo se alastra pelo Brasil irradiado por esses salões. Os Modernistas viviam num estado de alegria arrebatadora. “E fazíamos ou preparávamos especialmente pela festa, de que a Semana de Arte Moderna fôra a primeira. Todo esse tempo destruidor do movimento modernista foi pra nós tempo de festa, de cultivo imoderado do prazer” (ibidem, p. 241).

O modernismo pretendia ser e foi um movimento pan-artístico que, logo de início, já se manifestou na prosa e na poesia de Oswald e Mário de Andrade (seus fundadores e teóricos), na pintura de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, na escultura de Victor Brecheret, na música de Villa Lobos e até na sociologia e historiografia de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda. Mas, se mesmo nos dias de agitação no teatro Municipal, música e palestras como a de Graça Aranha foram recebidas com mais entusiasmo do que a prosa de ficção e sobretudo a poesia (que gerou escândalo e protesto), esta última é que se encontra no centro do movimento (e de boa parte dos modernismos internacionais também), seja pela importância dos poetas participantes e dos que viriam depois, seja porque muitas das questões giravam em torno de problemas de linguagem (ASCHER, 2012).

Mário de Andrade destaca como a grande vitória do movimento o direito à pesquisa estética. “Quanto à conquista do direito permanente de pesquisa estética, creio não ser possível qualquer contradição: é a vitória grande do movimento no campo da arte.” (ANDRADE, 1942, p.249). Para pensar sobre isso, é interessante a metáfora que

utiliza do vulcão. É como se os modernistas de 22, com seu espírito destrutivo e festeiro, tivessem ativado um vulcão e tornado todo um terreno fértil para toda produção literária da geração seguinte, a geração de 30, a quem Mário atribui maior valor literário e artístico, se comparada à antecessora. Graciliano Ramos, certa vez, criticou a 1ª geração (“exagero de jovens burgueses”), mas com certeza soube reconhecer que a geração de 30 encontrou um caminho livre e deve todo período de estabilidade, de liberdade de criação, aos polêmicos precursores do movimento e à sua preocupação com a consciência coletiva, o sentido de todo, “não apenas acomodado à terra, mas gostosamente radicado em sua realidade” (idem, p.243). Coube às gerações posteriores apenas a preocupação com o “fazer melhor”, depois que os primeiros modernistas deram a “cara à tapa”, expuseram-se.

O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional (...) E hoje o artista brasileiro tem diante de si uma verdade social, uma liberdade (infelizmente só estética), uma independência, um direito às suas inquietações e pesquisas que não tendo passado pelo que passaram os modernistas da Semana, ele não pode nem imaginar a conquista enorme que representa (...) jamais não poderão suspeitar o a que nos sujeitamos, pra que eles pudessem viver hoje abertamente (...) A vaia acesa, o insulto público, a carta anônima, a perseguição financeira.... (ANDRADE, 1942, p. 242/251).

É claro que Mário de Andrade sabe reconhecer que, nesta ânsia de “salvar”, “curar”, “inventar” o Brasil, muito se perdeu em termos de qualidade e capacidade de criação e produção literária. Também reconhece que, se do ponto de vista estético as conquistas modernistas não são contestadas, do ponto de vista político, o movimento fracassou. De fato, não foi um período vitorioso do ponto de vista político, mas foi essencialmente um período de preparação para as mudanças político-sociais que viriam depois. Para Mário, “foi criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebatamento (...). Era um estado de espírito revoltado e revolucionário que, si a nós nos atualizou, sistematizando (...) o direito antiacadêmico da pesquisa estética e preparou o estado revolucionário das outras manifestações do país, também fez isto mesmo no resto do mundo, profetizando estas guerras de que uma civilização nova nascerá. (ANDRADE, 1942, p. 241/251).



Este balanço que Mário de Andrade faz do movimento modernista é extremamente valioso, porque soube reconhecer as vitórias do movimento, mas também soube criticá-lo com bastante rispidez. Reconhece bizarrices e patriotices do movimento como a criação da “gramatiquinha da língua brasileira”, tão defendida por ele, tão utilizada por ele, mas definida pelo próprio, 20 anos depois, como a grande ilusão do Modernismo, “boato falso”. Segundo ele, ao mesmo tempo em que havia a certeza de que, para dar conta de uma realidade brasileira, precisávamos de uma língua para forjar a nossa identidade, houve também uma precipitação, uma avalanche de manifestações individuais isoladas, cada um fazendo o que melhor conviesse, esquecendo-se do principal: a língua é coletividade. No entanto, no saboroso jogo que Mário faz ao analisar o movimento, ao lado de duras críticas são sempre enumeradas conquistas. É como se Mário sinalizasse o tempo todo: pesando na balança, o saldo ainda é positivo.

Mas como radicação de nossa cultura artística à entidade brasileira, as compensações são muito numerosas pra que a atual hesitação linguística se torne falha grave. Como expressão nacional, é quase incrível o avanço enorme dado pela música e mesmo pela pintura, bem como o processo do Homo brasileiro realizado pelos nossos romancistas e ensaístas atuais. Espiritualmente o progresso mais curioso e fecundo é o esquecimento do amadorismo nacionalista e do segmentarismo regional (ANDRADE, 1942, p. 247).

Mário de Andrade também é extremamente duro consigo mesmo, com a sua obra, com o legado que ele e o Modernismo deixam. Ao final do artigo, num tom de uma “decepção açucarada”, que se pode entender como uma decepção com seus prós, faz uma distinção entre Inteligência estética e Inteligência artística, afirmando que o movimento falhou em relação a essa última: “Si tudo mudávamos em nós, uma coisa esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea” (ANDRADE, 1942, p. 252). Alega que foi vítima de suas intenções e que, na ânsia de ser anti-individualista, acabou deixando uma obra que transborda um “hiperindividualismo implacável” (p. 254). Tentando impregnar suas obras de um valor utilitário, de um valor prático da vida, reconhece nelas, paradoxalmente, ausência de realidade.

Sempre ressaltando as suas boas intenções, Mário vai tecendo um *mea culpa* sincero, revelador, mas não sem expressar um certo incômodo com a sensação de fracasso diante do que fez, do que produziu. Oscila entre um “Ajudei coisas, maquinei coisas, fiz coisas, muita coisa!” (p. 252) com um “Eu não posso estar satisfeito de mim.

O meu passado não é mais meu companheiro. Eu desconfio do meu passado” (p. 254). Mário, na ocasião desse discurso, já estava tomado por uma grande melancolia e depressão diante da vida, “na rampa dos cinquenta anos” (p. 254).

Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária de nosso discurso, de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está. Em vez: fomos quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade na cultura. E si agora percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pegar a máscara do tempo e esbofetear-la como ela merece. Quando muito lhe fiz de longe umas caretas. Mas isto, a mim, não me satisfaz (ANDRADE, 1942, p. 253).

Talvez, neste saldo feito por Mário de Andrade, tenha restado a sensação de que o tal “biscoito fino” (a que se referia Oswald de Andrade, cuja intenção, ao produzir, era que as massas tivessem acesso ao tal biscoito) tenha ficado sofisticado demais, refinado demais. Talvez fosse mais útil às massas um biscoito menos requintado e mais saboroso e, portanto, mais consumido. Será que o que incomodava a Mário, e por extensão os demais modernistas, era o fato de ser pouco lido?

Na conclusão, dividiu a culpa, que decidira parágrafos antes assumir sozinho, com os demais integrantes do movimento e, com uma sinceridade singular, que causou estupefação à plateia de estudantes que estavam ali para ouvi-lo, concluiu:

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão “momentâneo” como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade. Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões (ANDRADE, 1942, p. 255).

Sobre esta alta dosagem de culpabilidade e melancolia, Alfredo Bosi nos propõe uma reflexão mais profunda a fim de que se evitem julgamentos precipitados do autor, da sua obra e do movimento modernista de forma geral.

Essa lucidez amarga dum escritor que viveu como poucos o dilema nacionalismo/internacionalismo, engajamento/esteticismo, não deve servir de prova fácil de acusação a 22 e, muito menos, ao intelectual exemplar que foi Mário de Andrade. Por outro lado, a severidade excessiva da autocrítica não nos deve induzir ao psicologismo de tudo explicar em termos de infundados sentimentos de culpa: o que resultaria em uma absolvição rápida e cômoda passada a todos quantos trabalhamos com a inteligência e a palavra. Devemos, antes, ser fiéis ao texto e a quem o ditou. Isto é: devemos suportar o peso da contradição que foi apontada e não resolvida. As palavras de Mário de Andrade derivam sua força inquietadora dum universo que as transcende. Universo que abarca todas as conquistas do Modernismo, sim, mas também a defasagem entre a praxis artística e a praxis social, o tempo da criação e o tempo da ação. É um problema candente que, uma geração atrás, foi reproposto por homens da força dum Sarte, dum Brecht, dum Vittorini, dum Camus, e cuja formulação, hoje, passa por um conúbio qual a "subversão da escrita" vem a ser a mais violenta e eficaz das revoluções. Que estranhos recados nos manda a impotência! Mas a palavra de Mário guarda todo o desconforto duma tensão não removida (BOSI, 1992).

Cabe lembrar que o artigo usado neste trabalho O Movimento Modernista, publicado como capítulo do livro *Aspectos da literatura brasileira*, de Mário de Andrade, foi originalmente lido no Auditório da Biblioteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro, em 30 de abril daquele ano, quando a Casa do Estudante do Brasil decidiu comemorar os 20 anos da Semana. Depois, foi lida em São Paulo. A leitura seria feita em território hostil: a tradicional Faculdade de Direito de São Paulo. Mário de Andrade, em carta ao maestro Francisco Mignone, revela todo temor que tinha em relação a essa conferência e de como se sentia “desarvorado, só e triste”. É sabido que, após as duas conferências, tanto no Rio, como em São Paulo, Mário foi tomado por uma euforia, talvez por conta do tom de desabafo. A conferência foi bastante criticada<sup>5</sup>. Mário morreu 3 anos depois da conferência, cada vez mais deprimido, angustiado, amargurado.

A inquietação com a desistência intelectual dos jovens – que assistiam, impotentes, ao totalitarismo que desabrochava no planeta – já tinha sido expressa um ano antes, no ensaio *Elegia de Abril*, estampado no número de estreia da revista *Clima*. A conferência seria

<sup>5</sup> “Na análise do crítico literário José Miguel Wisnik, falta aos opositores de Mário a compreensão da conferência de 1942 dentro do contexto em que ela foi escrita. “A primeira delas é a da atualização da linguagem artística. Entre os anos 20 e 30, Mário vai pesquisar as fontes populares para criar o livro *Macunaíma*. A outra virada se dá quando busca a ligação da arte com o social. Nessa etapa lhe dá a sensação de contradição em sua arte. Está impregnado com a inquietação da década de 40. Chama o modernismo de orgia intelectual das elites. É a época dos engajamentos, tanto de direita como de esquerda.” In: GRANATO, Fernando. Revisão anunciada.

a gota d'água para a exacerbação dos ânimos. Na carta a Mignone, revela-se a preocupação com a reação dos estudantes de Direito: "(...)Muitos estudantes daquela incrível faculdade ainda estão muito zangadinhos com o que eu falei deles e da mentalidade deles na 'Elegia de Abril'. E são gente barulhenta, que gosta de fazer barulho. E além disso a conferência ataca direto certos ideais políticos que ainda têm muitos partidários naquela incredibilíssima faculdade. Não sei o que vai ser, me sinto um pouco desamparado, queria vocês comigo aqui, estou sentindo precisão de vocês. Mas é triste êstes quinhentos quilômetros de lonjura. E solidão (ANDRADE, 1942)<sup>6</sup>.

Mas não foi só Mário de Andrade que fez uma análise rigorosa do movimento. Para muitos, o Modernismo se tornou um peso morto, pois tudo o que se faz em termos de prosa ou poesia ainda é analisado sob a égide do Modernismo, o que se pode considerar uma prisão, extremamente paradoxal ao que pretendiam os idealizadores do movimento.

(...) quase toda a poesia brasileira e boa parte de sua prosa continuam operando dentro de limites estabelecidos em torno de 1922, algo que suscita não poucas indagações: com a batalha em prol da dignidade do coloquial ganha há gerações, será esta a única modalidade do português brasileiro na qual é lícito escrever? Com o verso livre transformado em algo compulsório, a atitude “moderna” hoje exigiria a revolta contra ele? Se um poema como “Amor/Humor” de Oswald tinha lá sua graça (já meio retardatária) há mais de oito décadas, assim como o célebre urinol que Marcel Duchamp expôs com o nome de “A Fonte”, quantas vezes e por quanto tempo a ideia de “ready made” pode ser repetida antes que isso seja chamado de tolo e repetitivo? Será, além disso, que o público continua tão interessado quanto os literatos e, em especial, os professores de humanidades na “redescoberta do Brasil” e outras missões? Finalmente, será que não está também na hora de deixar de celebrar esse grande monumento de pedra no meio do caminho chamado modernismo, bem como a Semana de 22, deixando finalmente o público em geral ler o que o interesse e chegar às conclusões que quiser? Isso, sim, seria absolutamente moderno (ASCHER, 2012).

O que está em julgamento é, indiscutivelmente, um momento-chave na história da cultura brasileira. Não se pode ignorar tamanha importância e só pensar em peso morto, em um cadáver na história da cultura. Não se tira o caráter transgressor nem da Semana, nem do movimento que se seguiu, que deixou uma atitude, um gesto diante da cultura: a possibilidade de ruptura. Mas o que mais

<sup>6</sup> In: GRANATO, Fernando. “Revisão anunciada”. Artigo publicado na *Revista Época*, disponível em [http://epoca.globo.com/especiais\\_online/2002/02/especial22/persona.htm](http://epoca.globo.com/especiais_online/2002/02/especial22/persona.htm).

incomoda aos críticos é a posição de cânone sem maiores reflexões, mesmo com a constatação do esgotamento dos pressupostos modernistas. E o mais importante: a partir desse esgotamento, que se comece a repensar a questão do nacional de outra maneira, a redimensionar o papel do Brasil no “concerto das nações cultas”, a permitir novas atualizações do ponto de vista artístico e estético, a avançar do ponto de vista político e sociológico. Com sua vitória estética, o Modernismo permitiu se pensar o papel do intelectual na sociedade, hoje é preciso repensá-lo, redimensioná-lo, questioná-lo.

Silviano Santiago, em seu artigo Fechado para balanço (60 anos de Modernismo), comenta o caráter de “força fatal” do movimento modernista e sobre o fato de o movimento ser semelhante a um bicho-papão: “tudo que era feito no seu nome e até mesmo contra os seus nomes e ideais entrava no seu elástico papo” (SANTIAGO, 1982, p. 77). É chegada a hora, ou talvez tenha passado da hora, de enfrentar o medo deste bicho-papão.

Em uma entrevista, em 1924, Mário de Andrade afirmou: “Todo mundo dormia na pasmaceira da nossa literatura oficial. Nós gritamos “Alarma!” de supetão e toda gente acordou e começou se mexendo.” Falta à cultura brasileira um novo grito desse. O que se espera, pelo teor das críticas, é que tanto a Semana, quanto o Modernismo sejam não apenas festejados, mas sim pensados criticamente. Ainda assistiremos às comemorações arrebatadas dos 100 anos da Semana de Arte Moderna. Talvez, até lá, outras reflexões já tenham sido feitas e, sem confetes exagerados nem ataques exacerbados, o Modernismo possa ser mais bem compreendido. Talvez se possa romper com as amarras modernistas. Talvez.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins/INL, 1978.

ASCHER, Nelson. Cadáver no meio do caminho. In: *Revista Veja*, São Paulo, edição 19/02/2012, disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/cadaverno-meio-do-caminho>

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *22 por 22, a semana de arte moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Edusp, 2000.

BOSI, Alfredo. O Modernismo de Mário de Andrade. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, edição de 08/02/1992, disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/bosi>

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22*. São Paulo: Boitempo, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: *Cadernos de Poesia do Aluno Oswald (Poesias Reunidas)*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRANATO, Fernando. Revisão anunciada. In: *Revista Época*, Rio de Janeiro, edição de 02/2012, disponível em [http://epoca.globo.com/especiais\\_online/2002/02](http://epoca.globo.com/especiais_online/2002/02)

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídias*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MORAES, Marco Antônio de. Dossiê Modernismo - Semana sem juízo. In: *Revista de História*, edição de 01/02/2012, disponível em [www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br)

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

SANTIAGO, Silviano. Fechado para balanço. In: *O livro do seminário*. (org. Domício Proença Filho). São Paulo: LR Editores, 1982.

TELES, Gilberto Mendonça et Al. *Oswald plural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1995.